



Título del artículo / Título do artigo: Filosofía e educação no pensamento de Leopoldo Zea

Autor(es): Ofélia María Marcondes

Año de publicación / Ano de publicação: 2014

DOI: 10.63314/TUYZ5048

Citación / Citação

Marcondes, O. M. (2014). Filosofía e educação no pensamento de Leopoldo Zea. *Ixtli: Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 1(1), 31-51. <https://doi.org/10.63314/TUYZ5048>



ALFE

**Asociación Latinoamericana
de Filosofía de la Educación, AC**



Filosofia e educação no pensamento de Leopoldo Zea

Ofélia María Marcondes

Instituto Federal de São Paulo - IFSP, câmpus Itapetininga.

ofelia.marcondes@uol.com.br

Pedagoga, filósofa, mestra em Filosofia da Educação, tendo dedicado os estudos à compreensão das contribuições de Leopoldo Zea para a Filosofia da Educação. Atualmente, doutoranda em Filosofia da Educação na Universidade de São Paulo – USP, estudando a filosofia de John Dewey com o objetivo de consolidar sua filosofia como teoria geral da educação.

Resúmen - Resumo - Abstract

Este artigo pretende apresentar a necessária relação entre filosofia e educação, sendo esta o processo de formação humana, de humanização do homem. Todo filósofo é objeto de estudo para a filosofia da educação e este é o ponto de partida para o estudo do pensamento de Leopoldo Zea, filósofo mexicano (1912-2004) que procurou compreender o homem como um homem concreto, de carne e osso, que dialoga com suas circunstâncias, buscando soluções nelas mesmas. Segundo Zea, o homem latino-americano, que não é europeu nem é índio, é mestiço, uma justaposição de culturas. Neste debate se situa nossa reflexão: em que medida a filosofia circunstancial de Zea contribui para se

Este artículo pretende presentar la necesaria relación entre filosofía y educación, como un proceso de formación humana, de humanización del hombre. El pensamiento de los filósofos, puede ser punto de estudio para la filosofía de la educación, y este es el punto de partida para el estudio de la obra de Leopoldo Zea (1912-2004), filósofo mexicano que ha procurado comprender al hombre como un hombre concreto, de carne y hueso, que dialoga con sus circunstancias, buscando soluciones en ellas mismas. Según este autor, el hombre latinoamericano, que no es europeo ni nativo, es mestizo, es decir, en él se yuxtaponen diversas culturas. En este debate se situa nuestra reflexión: se trata

This article aims to present a necessary relationship between philosophy and education, the latter being the process of human development, the humanization of man. The philosopher is an object of reflection for the philosophy of education; this is the starting point for the study of the thought of Leopoldo Zea, Mexican philosopher (1912-2004) who sought to understand man as concrete, of flesh and blood, who enters into dialogue with his circumstances, seeking solutions to his vital problems in those circumstances themselves. According to Zea, the Latin American is neither European nor Indian, but rather a mestizo, a juxtaposition of cultures. In this debate our reflection is si-

pensar a educação. Para Zea, o homem latino-americano necessita tomar consciência de seu estado de dependência cultural em relação à Europa para só então emancipar-se. Neste cenário só é possível uma educação crítica que possibilite a libertação deste homem. O homem que tem consciência de si tem consciência de sua humanidade e reconhece esta humanidade no outro homem. A filosofia circunstancial de Zea é uma crítica à filosofia como visão contemplativa e atemporal de um mundo fechado, não circunstanciado, que abandona as perspectivas do homem concreto. Esta filosofia circunstancial resulta num projeto de transformação histórica porque propõe um olhar do homem sobre si mesmo para que tenha consciência dos modelos alheios que pesam sobre ele e assim possa se emancipar e superar as condições de dependência.

de advertir en qué medida, la filosofía de las circunstancias de Zea, contribuye para pensar la educación. Para Zea, el hombre latinoamericano necesita tomar conciencia de su estado de dependencia cultural en relación a Europa para poder emanciparse. Sólo en este escenario es posible una educación crítica que posibilite la liberación. El hombre que tiene conciencia de sí, tiene conciencia de su humanidad y reconoce también esta humanidad en los demás hombres. La filosofía de las circunstancias de Zea es una crítica a la filosofía como visión contemplativa y atemporal de un mundo cerrado que abandona las perspectivas del hombre concreto. Esta filosofía resulta un proyecto de transformación histórica porque propone al hombre buscar en sí mismo para tomar conciencia de los modelos que pesan sobre él mismo y así poder emanciparse y superar las condiciones de dependencia.

tuated: How the circumstantial philosophy of Zea contributes to our ideas on education. For Zea, Latin Americans need to be aware of their condition of cultural dependency on Europe so that then they can emancipate themselves. Only in this manner is a critical education possible that allows the liberation of this man. The man who is aware of himself is also aware of his humanity and recognizes humanity in another man. Zea's circumstantial philosophy is a critique of the notion of philosophy as an atemporal and contemplative vision of a closed and "decircumstantialized" world, which leaves aside perspective of concrete man. Zea's circumstantial philosophy results in a project of historical transformation because it proposes a self-reflective gaze to become aware of models of being human imposed on him so that he can emancipate himself and overcome his condition of dependency.

Palavras-chave: Leopoldo Zea, mestiçagem, circunstância, homem latino-americano, consciência histórica

Palabras Clave: Leopoldo Zea, mestizaje, circunstancias, hombre latinoamericano, conciencia histórica

Keywords: Leopoldo Zea, mestizaje, circumstance, latin-american person, historical consciousness

Recibido: 19-04-2013

Aceptado: 14-10-2013

Para citar este artículo:

Marcondes, O. (2014). Filosofía e educação no pensamento de Leopoldo Zea. *Ixtili. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*. 1(1). 31-51

Filosofia e educação no pensamento de Leopoldo Zea

Introdução

Este texto pretende estabelecer a relação necessária entre filosofia e educação. Depois, apresentar brevemente o pensamento de Leopoldo Zea, filósofo mexicano que debateu, dentre outros temas, sobre a identidade do homem latino-americano e apresentar, de modo sucinto, como sua filosofia pode contribuir para se pensar a educação, tendo esta como formação humana, processo de humanização do homem.

A filosofia é a esfera do pensamento humano capaz de pensar o próprio homem. Esta tarefa é fundante para se pensar a educação. Não podemos ir à educação sem uma filosofia. É a ideia de homem que está na base de qualquer sistema educacional, seja numa estrutura formal de educação, seja na tradição da formação humana. Educação é um fenômeno humano que se constitui como instituição social, como ação humana, como instrumento de emancipação, como coerção e exercício da liberdade simultaneamente, como trabalho pedagógico ordenado e sistematizado, como ações informais para a promoção humana, entre outras formas que possa assumir.

Para a filosofia, interrogar sobre o que é o homem torna-se o problema central e como educar exige compreender o homem e sua relação com a tradição humana, então, para a filosofia da educação, interessa todo pensamento filosófico que trate sobre o que é o homem e qual a sua natureza.

Toda educação precisa calcar suas aspirações, seus objetivos, suas ações numa ideia de homem que sinalize a direção que a educação vai tomar. De um lado, precisamos ter claro que ideia de homem compartilhamos, e de outro, que ideal de homem se deseja formar.

I. A filosofia circunstancial de Leopoldo Zea

Todo filósofo é objeto de estudo para a filosofia da educação e este é o ponto de partida para o estudo do pensamento de Leopoldo Zea: em que medida

conhecer sua ideia de homem e seu debate sobre a identidade mestiça do homem latino-americano pode contribuir para a construção de uma proposição de educação. Zea, filósofo mexicano que viveu os conflitos do século XX, inicia suas investigações a partir de uma questão fundamental: quem é o homem mexicano. Para ele, as respostas a esta questão fazem todo o sentido na compreensão do que é o homem. A primeira condição que ele estabelece é que há uma relação de dependência-emancipação com a Europa e que a libertação do homem latino-americano do domínio cultural da Europa só seria possível através da tomada de consciência de sua condição de colonizado, numa construção nem indígena nem europeia. O homem é o homem concreto, de carne e osso, obrigado a dialogar com suas circunstâncias.

Para Leopoldo Zea, o homem é pessoa concreta, de carne e osso, que está inserido em suas circunstâncias, com as quais dialoga dialeticamente, transformando-as ao mesmo tempo que é transformado por elas. As circunstâncias constituem sua situação vital, nas quais manifesta sua concretude e expressa sua liberdade. O homem é concebido como um ente histórico, portanto mutável, que participa da tripla dimensão temporal: passado-presente-futuro e constrói a história à medida que enfrenta os problemas apresentados pelas circunstâncias. O homem é o homem e suas circunstâncias, influência direta do pensamento de Ortega y Gasset.

Para que o homem latino-americano possa pensar sua identidade é necessário que este se compreenda como mestiço e reconheça sua condição de dependência sociocultural e, assim, possa iniciar um processo de libertação de qualquer situação de opressão. A libertação do homem de seu estado de dependência só é possível através da tomada de consciência desse estado de dependência através da compreensão histórica e do conhecimento de si mesmo.

Zea (1945) afirma que toda filosofia é obra de um homem e, como homem, participa do que é a essência do homem: “a essência do humano, aquilo pelo qual o homem é homem, é a história. O homem é um ente histórico, ou seja, um ente cuja essência é a mudança” [tradução nossa] (p. 25). O homem histórico é relativo porque organiza sua vida a partir de certas situações vitais que o tornam concreto, com possibilidades e limitações, que vive e que morre em uma determinada circunstância. Além disto, o homem, como um ser mutável, modifica continuamente as circunstâncias e isso faz mudar as concepções de mundo e o próprio mundo. O homem não existe fora da história, assim como as ideias não existem sem o homem e sem as

circunstâncias. Este movimento da vida humana no mundo é o que constitui a história da humanidade.

Circunstância é a situação concreta na qual o homem está inserido e toda relação circunstancial é histórica. A situação concreta é a realidade circundante, é o que está no horizonte de cada homem, é a inserção na cultura, é a convivência. Nela se encontram os problemas que desafiam o homem. A circunstância é situação vital justamente porque é histórica e, sendo assim, não existe homem fora da história, assim como não há cultura fora das relações circunstanciais do homem. O homem se constitui na situação que o torna concreto e através da qual expressa essa concretude e sua liberdade. Homem e situação concreta não existem isoladamente, portanto não são abstrações, mas uma relação intrínseca e dependente. A natureza do homem é a história e esta o obriga a reconstruir-se continuamente, tanto em resposta às circunstâncias como para modificá-las e é nessa relação dialética do homem com as circunstâncias que o homem muda.

Toda ação do homem é um diálogo com as circunstâncias o que o leva a atribuir sentido a tudo que o rodeia. Tudo existe porque o homem dá sentido aos objetos de sua circunstância, inserindo-os no universo do que lhe é familiar e constituindo o que, em parte, é a cultura do homem em dada circunstância. Sem o homem, não há atribuição de sentido e, portanto, não há mundo e não há cultura. Este mundo circunstancial, concreto, é também um mundo de linguagem no qual a atribuição de sentido vai para além dos objetos, alcançando o outro, ou seja, o homem atribui sentido à existência de outro homem, o que exige deste outro homem a atribuição de sentido ao primeiro. Nesta dialética de sentidos é que o homem se reconhece como tal e reconhece no outro o que há de semelhante, qual seja, a humanidade. Para Zea, o humano se constitui nesta capacidade de compreensão que elimina as diferenças e permite a convivência, ele se torna humano quando sujeito do processo de educar-se.

A dimensão humana do homem está na atribuição de sentido de sua existência como homem ao mesmo tempo que reconhece e se reconhece no outro, neste sentido é que Leopoldo Zea entende que o homem age em três níveis de circunstâncias: uma pessoal, uma social e a humanidade, sendo que esta última é a única condição de universalização do homem. Somos homens como todos os homens, o que não significa dizer que todos somos iguais, que pensamos de um mesmo modo ou que temos as mesmas necessidades e que, portanto, damos as mesmas respostas aos problemas do homem.

Cada homem tem sua própria história, que está inserida na história de outros homens e na história da humanidade. Somos distintos exatamente porque dialogamos de diferentes formas com as diferentes circunstâncias. A dimensão histórica do homem é o que constrói e é o que revela a múltipla concretude do próprio homem. Para Zea, o que há de natural no homem é seu modo de ser concreto, cuja melhor expressão está na convivência com outro homem. Como ser histórico, o homem constrói sua vida ao conviver com seus semelhantes de modo a expressar sua individualidade e sua concretude através de suas ações e essa convivência só é possível graças à consciência da existência do outro e da realidade viva na qual estamos inseridos. Esta consciência se caracteriza pelo saber comum, pela cumplicidade. É nesta convivência que o homem realiza sua individualidade e se situa diante do outro, assim como situa este outro diante de si. Logo, esta convivência permite ao homem ter consciência de sua humanidade e conceder humanidade a este outro que ele reconhece como semelhante.

Este homem, concreto, mutável, histórico, que dialoga com as circunstâncias é um ser de razão e deve colocá-la a serviço do que há de comum entre todos os homens: sua humanidade, revelada e compreendida graças à convivência, única instância humana capaz de se constituir como vida. O homem, colocando a razão a serviço da compreensão do outro torna patente a igualdade que todos os homens da terra guardam entre si, sem discriminação alguma. Igualdade na inevitável desigualdade. Inevitável diversidade que, ao ser compreendida e respeitada, pode possibilitar a autêntica paz que há, segundo Zea, de prevalecer entre os homens.

Para Zea, analisar a circunstância é o modo de interpretar o mundo, mesmo sendo um limitador, já que obriga o homem a estabelecer uma época e um local para direcionar este olhar para a realidade. Ao mesmo tempo em que a ideia de circunstância abre uma possibilidade diferente de compreender o mundo, ela nos encarcera no limite do que é temporal. Por um lado, aquele que desconsidera as circunstâncias pode apenas copiar os sistemas filosóficos, e fazer “más cópias”, interpretando de modo equivocado os conceitos filosóficos presentes num dado sistema. Por outro lado, aquele que procura interpretar os conceitos filosóficos levando em conta as circunstâncias se vê limitado a circunscrever as ideias a um limite geográfico e temporal, ou seja, histórico.

Perguntar sobre o homem é perguntar sobre a “situação de homens em um determinado lugar e época histórica” [tradução nossa] (Zea, 1972, p. 19).

Este é o papel da circunstância na trajetória do pensamento de Leopoldo Zea: compreender as circunstâncias para que se possa compreender o homem. A análise das circunstâncias, segundo Zea, leva o investigador das ideias à possibilidade de interpretar o que provoca afirmações e negações de verdades em determinados espaços e tempos, apresentando os diversos sentidos de um mesmo conceito. Assim, a “pretensão de fazer de uma verdade circunstancial uma verdade eterna dá lugar às contradições” [tradução nossa] (ZEA, 1993, p.23). Os problemas que a filosofia procura responder são problemas apresentados ao homem pelas circunstâncias e as respostas encontradas, construídas, são também circunstanciais e, portanto, não são contraditórias como poderia julgar aquele leitor da história das ideias que busca encontrar e ressaltar uma verdade absoluta, eterna e universal. O que surge da compreensão de verdades circunstanciais não é contradição, mas diferentes soluções, em diferentes épocas, para os problemas que parecem semelhantes. Toda verdade é, portanto, circunstancial, ou seja, histórica. Ao se investigar ideias e realidade, faz sentido considerar as circunstâncias como expressão da cultura na qual surgem as questões do homem. Decorre disto que para compreender a filosofia é necessário compreender profundamente sua expressão conceitual e as circunstâncias que favoreceram o surgimento de tais ideias e sistemas filosóficos. Para compreender a filosofia é necessário compreender o homem, interpretar seus quefazeres, reconhecer porque este homem realiza tais coisas e não outras; “é necessário perguntar como viveram, ou seja, o que sentiram, o que desejaram, o que sonharam, com que dificuldades tropeçaram, os homens autores de uma determinada filosofia” [tradução nossa] (Zea, 1997, p. 29).

Não há pensamento sem diálogo com as circunstâncias: “o homem, quando filosofa, se dirige à sua circunstância [...] As fórmulas filosóficas, os métodos, os filosofemas, não são outra coisa que a expressão verbal, é dizer, humana, de como o homem entra em relação com sua circunstância” [tradução nossa] (Zea, 1993, p. 20), dialogando com ela. Sem o homem, não há nem história e nem filosofia. Sem circunstância, não há filosofia porque “toda filosofia tem sua verdade na adequação com a realidade, só que esta realidade não é permanente, mas histórica” [tradução nossa] (p. 21).

Ao assumir uma filosofia circunstancial, Zea faz crítica à filosofia como visão contemplativa e atemporal de um mundo fechado e, portanto, não circunstanciado, que se torna excludente ao abandonar as perspectivas do homem concreto. Esta filosofia circunstancial resulta num projeto de transformação histórica porque propõe um olhar do homem sobre si mesmo para que tenha

consciência dos modelos alheios que pesam sobre ele e assim possa se emancipar e superar as condições de dependência.

II. Identidade: o homem latino-americano

O início de nossa reflexão sobre identidade do homem latino-americano nos remete ao que Zea chama de imitação da filosofia europeia e a qualifica de “má cópia”. O homem concreto da América Latina tem problemas que se apresentam apenas nas circunstâncias nas quais ele está inserido e, portanto, são problemas que só são problemas para este homem, nesta circunstância e só este homem está capacitado para resolvê-los. Em busca de soluções, o homem recorre à história e só encontra, neste caso, más cópias da filosofia europeia porque busca uma solução numa circunstância distinta.

O conforto de fazer cópias de um modelo europeu pode estar na explicação que Gagnebin (1997) dá para imitação: “para se salvar do perigo, o sujeito desiste de si mesmo e, portanto, perde-se” (p. 87). Sem uma identidade que lhe seja própria, sem a consciência histórica que lhe mostre que seu passado está na base de sua formação, o homem latino-americano se perde ao desistir de si mesmo quando opta por imitar as soluções europeias como solução para os problemas de sua circunstância de América Latina. Isto acaba por resultar em más cópias, como Zea costuma chamar. Neste sentido, este homem não é nem europeu e nem latino-americano. Nem europeu porque não está na Europa, não vive os desafios das circunstâncias europeias. Nem latino-americano porque se perde na imitação das soluções europeias que não alcançam o sucesso esperado diante dos problemas que ele tem que enfrentar.

Este processo imitativo refere-se, principalmente, ao servilismo na relação colonizador-colonizado que mantém o estado de alienação do homem latino-americano. Este homem concreto da América Latina serve à metrópole de modo que esta o mantém servil, mas este também se mantém nesta relação de dependência, de servilismo porque entrega seus desejos à necessidade do outro, alienando-se, perdendo-se de si. A identidade, neste sentido arbitrário de seu caráter, atende ora a um setor da sociedade, ora a outro e, portanto, mantém o sistema de dominação porque conserva a alienação como modo de relação entre a cultura europeia e a cultura latino-americana. A imposição de modelos, ou seja, o caráter coercitivo da identidade, também favorece a manutenção da alienação, pois enquanto o latino-americano encontra res-

postas para seus problemas na cultura europeia, melhor para ela e melhor para a manutenção do estado de servilismo que encontramos nas relações Europa-América Latina e América Latina-Europa. Esta alienação é necessidade e opção ao mesmo tempo, já que não há outra alternativa ao latino-americano diante da justaposição de culturas como é a América Latina. Não consciente deste estado de dependência, o latino-americano imita o modelo de vida e a concepção de mundo do europeu, já que a América Latina é a terra do futuro, uma terra de projetos, enquanto não se efetiva como uma terra autêntica e original, imita as relações de poder da Europa. Este modelo de relação que mantém o latino-americano num estado de inconsciência de seu papel diante da história da humanidade acaba por ser um exemplo de uma constituição repressiva do sujeito. Pode-se afirmar que esta inconsciente identidade imitativa mantém as relações de dominação.

Para Leopoldo Zea, todo homem é um sujeito histórico que busca respostas para problemas que surgem em qualquer situação humana, mas as respostas para o homem da América Latina surgem de sua circunstância latino-americana. Ao se deparar com sua condição histórica de colonizado, o homem da América Latina vê suas respostas aos problemas humanos atreladas ao pensamento do colonizador europeu. A identidade do latino-americano se origina na peculiar situação de dependência em relação a seus colonizadores.

A compreensão sobre a identidade do homem latino-americano é tarefa que exige uma compreensão histórica deste homem e de suas circunstâncias. Para Zea, há uma necessidade urgente: a de tomarmos consciência do passado sem ameaçar o futuro. Desta decorre uma segunda necessidade também urgente: a de termos claro nosso espaço de latino-americano no conjunto de outros povos que chamamos de humanidade.

Os conquistadores que chegaram à América encontraram um mundo estranho à sua cultura e alheio a seus pontos de vista. Este mundo estranho formado por “homens e povos com outros costumes e outra concepção de mundo e de vida” [tradução nossa] (Zea, 1972, p.68) não cabia no horizonte dos descobridores, levando-os a considerar os povos encontrados no novo mundo como povos demoníacos, animais sem história, terra de projetos, o que facilitou e muito as ações de extermínio e de escravização. Homens que não pertencem ao modelo de homem europeu, não pertencem à humanidade e, portanto, não têm direitos. Os colonizadores com seus desmandos se encarregaram de construir uma estrutura tal de sociedade que convenceu este povo a ser eco e sombra da Europa.

Em seu livro *América como consciência*, Zea afirma que muitos missionários religiosos iniciaram estudos sobre os índios americanos com o aparente objetivo de conhecer esta cultura que era estranha aos modelos europeus, mas o que, de fato, pretendiam era realizar uma ação de dominação, evangelização, cristianização destes povos para retirá-los da situação de pecado na qual viviam, ou seja, o de não participarem da história universal, leia-se europeia. O conhecimento como respeito à cultura indígena se transformou num desejo de modificação desta cultura. Não tinham a missão de compreender o índio, mas de transformá-lo segundo os padrões europeus. O estudo missionário foi apenas uma fachada para a aproximação destes missionários dos povos indígenas, seus estudos foram pretexto para a dominação, para a ocidentalização, para a cristianização.

Com o entendimento sobre os povos indígenas da América como obra demoníaca, a Europa passa a cumprir o próximo passo: a conquista. Uma conquista com caráter providencial: “era Deus, a providência, que, de acordo com os seus secretos fins, havia permitido o descobrimento de uma terra que havia sido abandonada ao demônio” [grifo do autor, tradução nossa] (Zea, 1972, p. 70). Como Deus permitiu o descobrimento, cabe ao europeu cumprir sua missão de evangelização e fazer com que estes povos adentrem a cultura universal, europeia. A colonização, a conquista, a dominação retiram do homem da América Latina uma dimensão fundamental da vida humana: o seu passado. Agora, sim, inicia-se a história da América Latina, uma história que tem como marco inicial o descobrimento e esta história vai sendo construída pela sobreposição de culturas.

Diante desta realidade cultural na qual a América é compreendida como fruto da Europa, sem história e sem humanidade, o homem latino-americano rejeita o passado, olha e não se reconhece no presente e coloca a América no futuro. Este homem sem história e sem humanidade, portanto sem vida, porque vida é história e o homem é um ente histórico, torna-se alvo da dependência e do domínio europeu. O maior problema do homem latino-americano é não ter consciência de sua própria história, de uma história concreta como a de qualquer outro povo, permitindo-lhe aceitar uma situação marginal em função de uma história que não é sua.

Zea nos apresenta a América Latina como entidade cultural que busca uma identidade e como situação vital circunscrita num determinado tempo histórico. Essa busca de identidade surge num momento de crise mundial: começo do século XX e duas grandes guerras, levando o homem latino-americano a se

questionar se há uma cultura própria na América, pois antes disto “o americano se sentia seguro ao abrigo de uma cultura que se apresentava com caráter de validade universal” [tradução nossa] (Zea, 1945, p.16). Só diante de períodos de crise é que o homem pergunta sobre sua existência, sobre sua cultura, sobre sua concepção de vida, e foi assim com o latino-americano.

É isto a que chamamos de tomada de consciência. O homem latino-americano, diante da crise, se vê, de repente, diante da necessidade de construir uma cultura própria que só é possível de posse de uma consciência histórica que permite a relação entre passado, presente e futuro, exigindo uma interpretação da realidade histórica que tem como resposta uma alteração na ação do homem: o homem conhece sua realidade, se apropria da relação com o passado e constrói uma nova concepção de mundo que altera suas circunstâncias. A razão histórica é um movimento dialético entre as circunstâncias e a ação do homem no mundo.

O homem mexicano, segundo Zea, é expressão do que há de concreto na humanidade, assim como cada homem de cada nacionalidade o é. Ao tomarmos consciência de nossa condição humana, reconhecemos a condição humana de todos os que participam da circunstância humanidade. O europeu reconhece em si a única expressão do homem universal e deixa de lado todos os outros homens e todos os outros povos. No início do século XX, começa a busca por uma nova maneira de interpretar o mundo a partir da necessidade de se reconhecer na América Latina uma cultura autêntica, mas para isto é fundamental que se conheça o homem que está inserido nesta cultura, como se constitui e como se vê nela, ou seja, qual é a identidade deste homem que busca olhar e olhar-se na cultura latino-americana. Este homem é o mestiço.

Para Zea, a América Latina ainda não havia construído sua própria história e nem ocupado seu lugar na história universal porque viveu até então a cultura europeia e isto só aconteceu porque esta cultura europeia ainda dava respostas às necessidades deste homem latino-americano. Só a partir da insuficiência das respostas europeias é que o homem latino-americano parte em busca do que lhe é de direito e autêntico. Diante do desmoronamento da cultura europeia se pergunta se se dará seu desmoronamento também. Assim, a América Latina se descobre como uma cultura constituída e que, ao invés de eco e sombra, esta América sempre foi uma circunstância que forjou sua cultura à sombra da árvore da cultura europeia.

Zea pretende salvar o homem latino-americano de seu sentimento de infe-

rioridade diante da cultura europeia ao justificar que suas ações não foram cópias da Europa, mas que esta lhe permitiu solucionar os problemas da circunstância americana. A tomada de consciência vem no sentido de que o homem latino-americano não se veja como europeu, mas que se reconheça como latino-americano, mestiço, homem concreto desta circunstância que não é a europeia. No momento em que as respostas europeias não eram mais suficientes, o homem latino-americano deixa de ser imitação do homem europeu e passa a buscar novas respostas a seus problemas dentro das novas circunstâncias. Mudam as circunstâncias, mudam as respostas aos problemas que elas apresentam. Assim, o homem altera sua filosofia e sua cultura quando se faz necessário, ou seja, quando decide enfrentar as desafiadoras circunstâncias e passa a construir a própria vida, a própria cultura, a própria história. Eis o papel da consciência histórica na filosofia de Zea: se, como homens históricos, só conhecemos a partir de uma perspectiva histórica, então a consciência que temos de nossas circunstâncias em relação às três dimensões temporais (passado-presente-futuro) nos permite recorrer à história para que continuemos nossa vida tendo clareza de nossa identidade. Só nos reconhecemos como homens na relação dialética circunstância-tempo histórico.

Uma das tarefas da filosofia latino-americana é a de tornar claro quais são as necessidades e os limites do homem latino-americano na construção de sua cultura a partir da consciência histórica de sua situação e de sua circunstância, além de definir-se como homem ligado a estas circunstâncias e não às circunstâncias que lhe são alheias. A interpretação histórica da América Latina leva o latino-americano a descobrir a personalidade cultural deste continente e com isto descobre também a responsabilidade sobre seu próprio destino, sem a tutela da Europa. Esta nova postura diante da América Latina, a de emancipar-se, não significa romper com a cultura da qual é filha. Só através da consciência histórica é que o homem latino-americano tem condições de reconhecer seu ser, sua humanidade e ter conhecimento de sua relação com o mundo e com outro homem, isto porque “nem todos os homens, sociedades e culturas têm tido consciência de sua historicidade” [tradução nossa] (Zea, 1957, p. 38). O homem, fazendo uso de sua consciência histórica pode conhecer-se como “ente histórico, flutuante, sem uma constituição permanente” [tradução nossa] (p. 39) e ter consciência desta sua identidade humana permite à América Latina tornar-se consciente de sua posição diante do mundo e na história da humanidade. Segundo Zea, os esforços direcionados para a compreensão da identidade do latino-americano se depara com o “caráter contingente de nossa cultura e de nosso ser. A pergunta sobre a

peculiaridade da cultura e o homem na América (Latina) tem como ponto de partida esta consciência do contingente” [tradução nossa] (Zea, 1976, p. 49).

A urgência de Zea em proclamar a necessidade de tomada de consciência e consequentemente de uma compreensão histórica está justamente na base da libertação do homem latino-americano da dominação da ideologia europeia que exige esforços no sentido de que este homem participa da criação de valores materiais e espirituais que já não são privilégio de um grupo de povos como fora outrora privilégio da Europa, quais sejam, o domínio da tecnologia, a ciência e, principalmente, a dignidade moral e material como direito de todo homem, de todos os povos e culturas. Exigir dignidade é fruto de uma busca de identidade como resposta à “feitura” inevitável da história humana.

III. Identidade e mestiçagem

O homem latino-americano se encontra, historicamente, diante da emancipação política, já dada ou já conquistada e, ao mesmo tempo, diante da dependência cultural e da busca, em consequência, de algo que lhe fosse próprio, autêntico, traduzida na necessidade da busca da identidade e, nesta busca pela identidade, vai sendo encontrado o indivíduo, não qualquer indivíduo, mas o indivíduo concreto, o homem de carne e osso em suas múltiplas expressões. Este homem concreto, o latino-americano, deseja ser um homem e não apenas uma abstração que anule as diferenças, o que faz deste homem um homem inserido numa circunstância, que, em última análise, partilha da circunstância humanidade como todos os homens.

A busca da identidade de um povo é a tentativa para salvar homens e povos do nada do ser e do não-existir. O mestiço latino-americano é jogado no vazio de sua existência ao se descobrir nem europeu, nem índio. É a identidade este algo que nos assemelha e que também nos distingue diante de outros homens, é o ponto de partida para a afirmação de um homem, de um povo e da própria humanidade, principalmente daqueles homens colocados à margem do mundo europeu e norte-americano. Olhar para si mesmo como um valor humano, reconhecendo-se num mundo que também é o seu mundo, é a busca de sentido para sua própria existência.

Para Zea (2005), citando Bolívar, somos todos mestiços:

É impossível atribuir com propriedade a que família humana pertence-

mos. A maior parte do indígena foi aniquilada, o europeu se misturou com o americano e com o africano, e este se misturou com o índio e com o europeu. Nascidos todos do seio de uma mesma mãe, nossos pais, diferentes na origem e no sangue, são estrangeiros, e todos diferem visivelmente na epiderme; esta dessemelhança nos impõe uma obrigação da maior transcendência. (p. 167)

e nos conscientizarmos desta identidade só é possível aceitando o passado, enfrentando as circunstâncias do presente e participando da construção do futuro.

O objetivo desta discussão é buscar conciliar a singularidade latino-americana com a circunstância humanidade. Segundo Altmann, Zea “coloca ênfase na concepção do latino-americano como resultante da práxis histórica. Suas formulações teóricas não fogem jamais do cotejo com a problemática da realidade” (Saladino, 2003, p. 5).

Este homem concreto da América Latina que, como todo homem é mutável e histórico, carrega uma identidade também histórica que abriga a diversidade e a pluralidade própria da justaposição de culturas que esta América vivencia. Esta justaposição de culturas inclui tanto a cultura europeia quanto as culturas indígena e negra. A realidade é que as massas indígenas foram colocadas à margem do mundo ocidental e isto fez com que o homem latino-americano se acreditasse europeu, imitando sua cultura. Assim, é o homem mestiço que está à margem da Europa e também da América Latina. Um mestiço que foi considerado pela cultura europeia como um infra-homem: nem é milenar como os asiáticos, nem é primitivo como os africanos. É uma justaposição de culturas que lhe nega uma identidade. Este infra-homem é segundo o modelo europeu, já que o mestiço não corresponde a este modelo de homem. Neste sentido, a miscigenação resulta num rebaixamento da condição de homem. O infra-homem é inferior ao homem asiático e ao homem africano. Zea, ao contrário, valoriza a miscigenação entendida como mestiçagem, categoria importante na constituição e na compreensão da identidade do latino-americano. Assim, considerar o mestiço um infra-homem, ignorando a realidade da mestiçagem, marginaliza o homem concreto, o que facilita a manipulação ideológica deste homem descaracterizado em sua identidade. Para Zea, a realidade humana é expressão da multiplicidade de relações e de concretudes nas mais diversas dimensões e que reconhecer um ser não pode negar outro. O homem é expressão concreta de seus quefazeres.

Esta mesma construção, integração, constituição do latino-americano, estão presentes em relação ao negro. Segundo Zea, o negro da América Latina tem consciência de sua descendência africana, sabe-se herdeiro de seus avós escravos e vítima da exploração da mão-de-obra. Diferentemente dos índios, os negros têm voz, há “um conceito de ‘negritude’ tomado como instrumento reivindicativo do homem negro e suas expressões culturais” [grifo do autor, tradução nossa] (Zea, 1976, p. 469). Este movimento reivindicatório ressalta um homem concreto e não uma visão romântica ou emudecida ou abstrata de homem, mas um homem com uma determinada cor de pele, cabelo, olhos e cultura.

Indigenismo e negritude são conceitos ideológicos que têm como origem, mais do que a questão étnica, a marginalização destes povos e sua situação de dependência; são expressões concretas dos homens distintos por raça e pela diversidade de sua cultura, mas não menos homens do que todos os homens.

A diversidade se encontra com a unidade do ser do homem que partilha do que há em comum com todos os homens. Esta compreensão do homem como um homem igual e diverso a todos os homens é o que faz com que Zea, através de sua práxis de denúncia do estado de dependência, anuncie a igualdade entre todos os homens, aspire à liberdade e reclame os direitos humanos a todos os homens e não só ao latino-americano. A tão almejada liberdade e a inserção do latino-americano no destino da humanidade só são possíveis se houver a tomada de consciência do estado de dependência e de sua identidade de mestiço.

Para Zea, quando o homem conhece a si mesmo, seus limites e suas possibilidades, quando conhece suas circunstâncias, torna-se capaz de encontrar soluções autênticas e originais para os problemas que surgem em suas circunstâncias, sem a necessidade de recorrer ao que lhe é alheio. Para tanto, em primeiro lugar, o que “devemos intentar é uma descrição sincera de nossas circunstâncias, da realidade que nos é mais próxima e com a qual temos que contar” [tradução nossa] (Zea, 1945, p. 40). Este conhecimento de nós e de nossas circunstâncias nos permite melhores soluções. Porém, o latino-americano ainda não consegue definir o que lhe é próprio. Zea (1945) diz que acontece algo muito estranho ao latino-americano: “somos conscientes de que a cultura europeia não é nossa, que a imitamos, mas se buscamos em nós mesmos, não encontramos isso que queremos chamar de nosso [...] Temos nos encontrado com um ser que não temos feito.” [tradução nossa] (p. 43).

Ter consciência de nossa mestiçagem nos leva a olhar nossa circunstância de uma maneira inteiramente nova, porque não é uma visão de mundo nem indígena, nem europeia, nem negra, mas do europeu, do índio e do negro.

Então, o que é ser latino-americano? A esta questão Zea (1976) responde: “homens concretos e, portanto, não menos homens que os que se apresentavam a si mesmos como modelo de humanidade” [tradução nossa] (p. 474). Nisto consiste sua discussão sobre a mestiçagem e a necessidade da tomada de consciência frente a nossa realidade histórica de colonizados porque, segundo Zea, o homem latino-americano tem negado reconhecer-se como mestiço. Só mediante isto é que se torna possível a emancipação sociocultural que Zea almeja para a América Latina. Enquanto não nos enxergarmos como mestiços que somos, estaremos dependentes das soluções da Europa e, mais recentemente, da América do Norte, para nossos problemas que, por sua vez, estão na circunstância latino-americana.

A identidade do latino-americano está intimamente ligada à herança cultural da Europa e, como herança, o homem latino-americano não pode se desprender da cultura europeia, operando uma ruptura, porque na própria dialética da luta do homem com as circunstâncias, ele absorve e adapta esta cultura, faz uso dela para resolver suas questões. O latino-americano deve tomar consciência da realidade como uma multiplicidade de expressões e que sua realidade é a justaposição de culturas.

Na busca pela identidade “que identifique, com precisão, homens com outros homens, mas sem confundi-los entre si” (Zea, 2005, p. 342) é que o latino-americano se encontra com o homem, pura e simplesmente, o homem concreto, “com suas peculiaridades, a cultura e a pele que fazem dele uma pessoa concreta e não uma abstração” [tradução nossa] (Zea, 1976, p. 451).

Este ponto de partida é, sem dúvida, a consciência histórica de que o latino-americano é mestiço. Só a partir do conhecimento de si mesmo, o latino-americano tem condições de exigir seus direitos na participação da construção e da condução da história da humanidade.

Para Zea (1976), o homem latino-americano só poderá exigir o “reconhecimento de sua humanidade e o de sua participação no fazer de uma história que deve ser de todos os homens” [tradução nossa] (p. 9) ao reconhecer-se como um homem entre todos os homens. Isto significa dizer que estes homens: europeus, negros, índios, mestiços, crioulos buscam no reconhecimento de

sua identidade a afirmação desta própria identidade, também buscando, com isto, “o apoio e a justificação de seu direito de participar nas tarefas próprias de todos os homens” (Zea, 2005, p. 346).

O mundo latino-americano é “um mundo mestiço em que conquistador e conquistado estão mesclados” [tradução nossa] (Zea, 2000, p. 74). É o mestiço precisamente, flor e fruto da união do conquistador e do conquistado. O mestiço e a mestiçagem, com isto desaparece a odiosa discriminação racial que, de uma maneira ou de outra, tornou possível a ordem herdada pela América Latina e que vai, felizmente, desaparecendo [tradução nossa] (Zea, 1996, p. 97).

E é neste mundo que o mestiço, ao se reconhecer como tal, como o homem concreto da América Latina através da compreensão histórica, “se concebe como ente concreto que deverá ser respeitado como tal e, a partir deste respeito, é possível participar de uma tarefa que não é exclusiva de uns homens, mas de todos os homens: seu próprio futuro” (Zea, 2005, p. 344). O mestiço se reconhece como este homem concreto que vive e morre na América Latina, “é o retorno a si mesmo, mas não para ficar ancorado em seu peculiar modo de ser, mas para prolongar-se em outras expressões do humano, considerando-as como próprias” (p. 346).

A questão da identidade que perpassa a questão da mestiçagem revela, segundo Zea, uma identidade que vai além do mestiço, supera as questões de raça, de etnia, de origem e chega à ideia de compreensão, de superação, de igualdade, de libertação. A identidade é a situação vital do homem circunscrita num determinado tempo histórico. A consequência da tomada de consciência de sua identidade mestiça está na superação das relações de dominação, na ação solidária, na compreensão do outro homem como distinto e como semelhante. É a liberdade que repousa sobre as relações entre os homens.

Zea (2000) ilustra a ideia de mestiçagem apresentando a fala de Maurice Béjart, um marselhês, francês, europeu ocidental que se sabe imerso e parte de um horizonte humano extraordinariamente mais amplo do que o existente. Declara: “sou um mestiço: minha avó materna era curda, meu avô paterno, catalão, minha avó paterna, bretã. Encontro minhas raízes em todos os pontos do planeta. Em todas as partes sou um nômade. Não vivo em nenhum lugar. Ali para onde vou planto minha tenda antes de empreender viagem novamente. Por acaso não somos todos um patchwork de culturas?” [grifo do autor, tradução nossa] (p. 44)

Somos todos de todas as partes, vivemos um mundo multirracial, multicultural, multi-étnico. É um mundo mestiço, de diversidade racial e cultural, que acaba por aglutinar culturas que parecem contraditórias. Esta nova consciência planetária exige de nós uma ação mais solidária e é semente de um mundo de paz, dialógico e intercultural.

IV. A identidade de mestiço como fator de libertação

A originalidade e a autenticidade do pensamento na América Latina estão na consciência da identidade do latino-americano como mestiço. Não se pode negar a mestiçagem, ao contrário, é ela que nos permite adotar uma e não outra solução para os problemas circunstanciais desta América, cabendo ao mestiço, síntese da justaposição de culturas, o papel de superação da dependência cultural na qual vive e também desempenhar o papel sintetizador de culturas diversas, promovendo a integração, a solidariedade e a paz. Se este latino-americano não se reconhece como mestiço, perpetua a dominação cultural e não inicia o processo de emancipação, de libertação, pois continua reconhecendo-se como herdeiro da Europa, o que não lhe exige mudanças na concepção de vida.

V. Leopoldo Zea e a educação

Ao analisarmos a filosofia circunstancial de Leopoldo Zea e refletirmos junto com ele sobre a identidade mestiça do latino-americano, podemos afirmar que um ideal de educação com base nesta filosofia só pode ser uma educação crítica, popular e voltada para a realidade concreta que permite a tomada de consciência do estado de dependência para então libertar o homem da dominação.

A filosofia de Leopoldo Zea (2000) nos inspira a realizar uma educação que promova a paz entre os homens e a superação das diferenças: “alcançar a integração através da educação e da cultura” [tradução nossa] (p. 284).

Zea declara, nos finais dos anos setenta, que é necessária uma reforma educativa que possibilite maior liberdade e justiça social: “uma reforma educativa que forme homens que enfrentam sua realidade e a critiquem, homens capazes de realizar uma inversão de valores, isto é, de fazer das falhas do sistema, de suas fraquezas, pontos de partida de sua transformação” [tra-

dução nossa] (Medin, 1992, p. 110). Para Zea, segundo Medin (1992), educar é educar para a liberdade e para a justiça social: “o homem faz parte de um sistema ao qual há de ser útil. A instrução está encaminhada a capacitá-lo para esta função. Educar é ... formar homens.” [tradução nossa] (p. 111), considerando que esta educação deva ser uma educação popular.

VI. Considerações Finais

Diante da dependência cultural o único caminho possível, segundo Zea, para sua superação é a compreensão histórica que desemboca na libertação. Libertação como liberdade de expressão do mestiço na escolha da condução de seu destino e na participação do destino da humanidade. Isto faz com que sua filosofia esteja comprometida com valores humanos no sentido mais humano que possa haver: valores do homem como homem simplesmente. É na dialética com suas circunstâncias que o homem constitui sua identidade, sua história, sua convivência. E por crer na convivência e na filosofia como tomada de consciência é que Zea motivou a criação de grupos como o *Hiperión*, de associações e instituições, publicou e estimulou a publicação de artigos, revistas e várias obras coletivas, propôs acordos e contatos entre a UNESCO e a UNAM, e, sobretudo, estimulou a formação de redes de intelectuais numa reunião de esforços para a compreensão da América Latina e a libertação dos diversos povos da dominação cultural da Europa, inicialmente, e dos Estados Unidos, mais recentemente.

A principal herança que Zea nos deixa é a crença de que é possível fazermos uma filosofia autêntica e original na América Latina, pura e simplesmente porque já filosofamos no momento exato em que nos preocupamos em compreender o outro e o mundo, de maneira sistemática, para que esta filosofia seja ação diante das circunstâncias. A filosofia latino-americana, circunstancial, de Leopoldo Zea é, na verdade, um diálogo com o mundo, uma maneira de pensar a América Latina em conexão com este mundo que vive o movimento da globalização, que, para Zea, deve ser um movimento de humanização da humanidade.

VII. Referências

Gagnebin, J. M. (1997). Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Medin, T. (1992). Leopoldo Zea: ideologia, história e filosofia da América Latina. México: Universidad Autónoma de México.

Saladino, Alberto e Santana, Adalberto (org.) (2003). Visión de América Latina. Homenaje a Leopoldo Zea. México: Fondo de Cultura Económica.

Universidade de São Paulo. Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. (2009). Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso Parte II (APA). São Paulo : Sistema Integrado de Bibliotecas da USP.

Zea, L. (1945). En torno a una filosofía americana. México: El Colegio de México.

Zea, L. (1948). Ensayos sobre Filosofía en la Historia. México: Editorial Stylo.

Zea, L. (1952). La filosofía como compromiso y otros ensayos. México: Fondo de Cultura Económica.

ZEa, L. (1953). La conciencia del hombre en la filosofía: introducción a la filosofía. México: Imprenta Universitaria.

ZEa, L. (1955). El puritanismo em la conciencia norteamericana. Dianoia – Anuário de filosofia, México, n. 1, p. 46-68, 1955.

ZEa, L. (1955) La filosofía en México. México: Libro Mex-Editores.

Zea, L. (1957). América en la historia. México: Fondo de Cultura Económica.

Zea, L. (1960). América Latina y el mundo. Buenos Aires: EUDEBA.

Zea, L. (1965). América Latina y el mundo. Buenos Aires: Editorial Universitaria De Buenos Aires.

Zea, L. (1969). La filosofía americana como filosofía sin más. México: Siglo Veintiuno.

Zea, L. (1972). América como conciencia. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

Zea, L. (1976). El pensamiento latinoamericano. Barcelona: Editorial Ariel.

Zea, L. (1978). Filosofía de la historia americana. México: Fondo de Cultura Económica.

Zea, L. (1988). Discurso desde la marginación y la barbarie. Barcelona: Anthropos.

Zea, L. (1991). La filosofía como compromiso de liberación. Caracas: Biblioteca Ayacucho.

Zea, L. (1993). El positivismo en México: nacimiento, apogeo y decadencia. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Zea, L. (1993a). Filosofar a la altura del hombre. Discrepar para comprender. México: UNAM.

Zea, L. (1996). Fin del siglo XX. ¿Centuria perdida? México: Fondo de Cultura Económica.

Zea, L. (1997). El positivismo y la circunstancia mexicana. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Zea, L. (2000). Fin de Milenio: emergencia de los marginados. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Zea, L. (2005). Discurso desde a marginalização e a barbárie; seguido de, A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente. Rio de Janeiro: Garamond.